

ROCKER

R

ROCK N' ROLL . HARDROCK . ALTERNATIVO . PSICADÉLICO . COUNTRY

ROCKER #01 JANEIRO DE 2007

ROCKER #01 JANEIRO DE 2007

SONIC YOUTH

pub

THE STOOGES

LIMPAM O PÓ DAS GUITARRAS

NEW YORK DOLLS

HAIL MOCK ROCK!

THE STOKES

A GALOPAR TABELAS

SONIC YOUTH

OS VELHOS MONSTROS DA NO-WAVE

NOVOS ÁLBUNS: GIANT DRAG . COCK E S P . ELECTRIC FRANKENSTEIN...

ROCKER #1 JANEIRO 2007 €3,00

ISBN 972-42-3092-9



9 789724 230924

pub

pub

pub

pub

pub



28
Sonic Youth:
novo álbum



18

The Strokes:
Rock Underground
mais mainstream
de Nova Iorque

- 6 **EDITORIAL**
- 9 **NOTÍCIAS**
Ruby Ann; Rolling Stones; The Datsuns; Johnny Rebel...
- 14 **KINGS OF LEON**
Do Tennessee, de barba por fazer, a arrotar Jack Daniels!
- 16 **THE STOOGES**
O homem-electricidade vem cá! E traz os velhos amigos.
- 18 **THE STROKES**
Underground sujo e cru: é o que se quer.
- 24 **NEW YORK DOLLS**
Rímel, saltos altos, e muita base.
- 28 **SONIC YOUTH**
Já toda a gente os conhece, dispensam apresentações.
- 39 **NOVIDADES & REVISÕES**
Electric Frankenstein; Giant Drag; Cock E.S.P.; Art Brut...
- 42 **AGENDA**
Os melhores eventos a acontecer este mês.
- 44 **OPINIÃO**
"Superficialidades musicais, existem?" por Miguel E. Cardoso

CARTA DO EDITOR



ILUSTRAÇÃO DE AGOSTINHO PEREIRA

Benvindo, à "ROCKER"! Finalmente consegui por esta revista na bancas! Esta revista faz parte de um projecto já idealizado à algum tempo. Pretende inserir-se no panorama já existente das revistas de música, de produção exclusivamente portuguesa. Mas, uma revista de reportagens inéditas, entrevistas feitas na primeira pessoa, as notícias mais frescas e os albúns saídos mais recentemente no mercado. Acabar com essa imagem que os leitores frustrados têm, em que já esperam das reportagens portuguesas, uma simples tradução, da reportagem concedida pelo mesmo artista ao NME, Rolling Stone, Mojo, ou outra.

E como o nome indica: nós aqui só queremos saber do Rock! na sua mais pura essência. Dando principal destaque ao rock independente. Tanto numa perspectiva moderna das actualidades que estão surgindo e também revisitar os clássicos de sempre. Desde o primórdio Rock n' Roll nos anos 50, aos sons psicadélicos e hipnotizantes 60, ao glam dos anos 70 ou o Hair Metal dos anos 80 e 90...

Agora espero que goste da ROCKER... que a adore, ame, que no início de cada mês ande desesperado para a comprar. Já agora, não se acanhe e mostre frequentemente o seu agrado ou desagrado com as matérias que publicamos, escreva-nos.

Agostinho Pereira



DIRECÇÃO EDITORIAL
AGOSTINHO MACHADO PEREIRA

COORDENAÇÃO
AGOSTINHO PEREIRA

EDITOR GRÁFICO
AGOSTINHO PEREIRA

REDACÇÃO
AGOSTINHO PEREIRA

COLONISTAS
AGOSTINHO PEREIRA

COLABORAM NESTE NÚMERO
AGOSTINHO PEREIRA, ALEX FIGUEIREDO,
EDUARDO MAIA, DANIEL TAMBAROTTI,
JOSÉ EDUARDO REBELO, RAY TRYGSTAD, BRUNO PAL-
MA FERNANDES, LUCIANO VIANNA, GUSTAVO SILVA;
BLITZ: SEAGUL, LUÍS GUERRA;
RAIO-X: EDUARDO SANTIAGO, RUTE VENTURA, PEDRO
MIGUEL GUIMARÃES, JOÃO FLORES.

PROJECTO GRÁFICO
AGOSTINHO PEREIRA

PUBLICIDADE
DIRECTOR COMERCIAL
PAULO PEREIRA DA SILVA

DIRECTORA DE PUBLICIDADE
PAULA VIEIRA
PUBLICIDADE E OPERAÇÕES
MÓNICA CARDIGOS

MARKETING
DIRECÇÃO DE MARKETING
E PROJECTOS ESPECIAIS
MÓNICA BALSEMÃO

ASSISTENTE DE MARKETING
SUSANA FREIXO

GERÊNCIA
MÁRIO JOSÉ GOMES LOPES,
MÓNICA BALSEMÃO, ROGÉRIO DE SALDANHA,
PEDRO NORTON DE MATOS

ADMINISTRAÇÃO, REDACÇÃO E PUBLICIDADE
EDIFÍCIO S. FRANCISCO DE SALES, RUA CALVET
DE MAGALHÃES 242, 2770-022 PAÇO DE ARCOS

REDACÇÃO
TEL. 214544301; FAX. 214415843;
E-MAIL. ROCKER-R@ROCKPRESS.PT

PUBLICIDADE
TEL. 214544302; FAX. 214415844;
E-MAIL. ROCKER-PUB@ROCKPRESS.PT

PERIODICIDADE. MENSAL

DIRECÇÃO DE CIRCULAÇÃO
LUÍS FERRERIA

ASSINATURAS
TEL. 214544301; FAX. 214415843;
E-MAIL. ROCKER-AS@ROCKPRESS.PT

DIRECÇÃO DE PRODUÇÃO
MANUEL PARREIRA

PRÉ-PRESS. EDIMPRESA

DEPÓSITO LEGAL. 244594/06

REGISTO NO ICS. Nº 110364

DISTRIBUIÇÃO
VASP. SOCIEDADE TRANSPORTES E DISTRIBUIÇÃO, LDA.

IMPRESSÃO. MIRANDELA

TIRAGEM DESTE NÚMERO. 30 000 EXEMPLARES

pub

pub



THE BREAKERS TASTE FEST

O trio de rockabilly, com surf guitars à mistura, já conhecido de todos nós, actuaram no passado fim de semana no Taste Festival. Festival, em Detroit, nos E.U.A. onde, o principal ponto de atracção serão os pratos confeccionados, pelas variadas confrarias da culinária residente. Mas o que nos importa salientar, é que ao saborear estes petiscos, temos delícias musicais como esta a actuar em simultâneo.



MESSER CHUPS HYENA SAFARI

Este projecto oriundo de São Petesburgo, Rússia, vagueia entre o surf/psycho/mondo rock mas com mais um trunfo na manga - os samples. E são os samples utilizados que dão todo o aspecto característico do projecto. Os samples são na sua maioria retirados de filmes dos anos 60 de série B, na generalidade, de filmes de terror. Artilhados com tieramins, samples e sintetizadores conseguem dar uma roupagem muito própria ao seu som "Horror - Sci-Fi". Dupla formada por Oleg Gitarkin e Zombi Girl.



TROLLOFON '06

REVISÃO

O festival russo, realizado em São Petesburgo, começa agora a chamar a atenção dos europeus. É um festival de música indie, alternativa, do rock mais trabalhado ao mais cru, onde normalmente se encontram das grandes promessas da música alternativa russa. Que por sinal estão cada vez a mostrar-se com mais qualidade.



ARLENES GOING TO CALIFORNIA

O casal inglês de música country mudou-se para os Estados Unidos, Texas, onde gravou o seu segundo álbum, "Going To California", ainda mais influenciado pela sonoridade country local.



COMETS ON FIRE SINGLE

"The Antler Of The Midnight Sun": single do terceiro disco da banda de Santa Cruz, na Califórnia, "Blue Cathedral", no qual misturam sonoridades do rock de garagem dos anos 60 com progressivo.



THE PAYBACKS SCOTCH LOVE

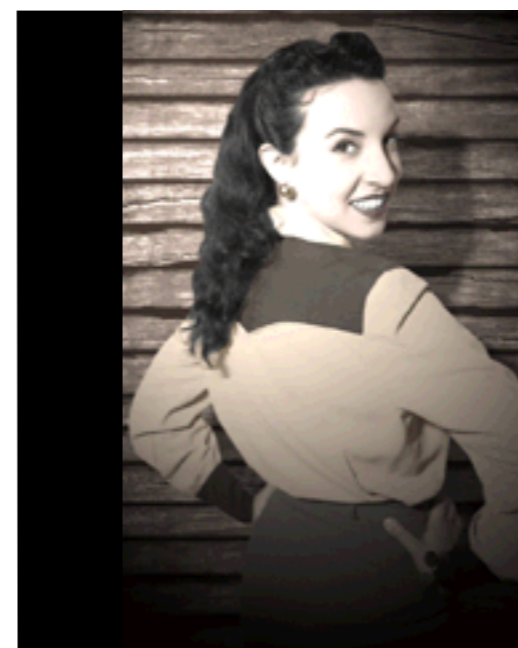
As bandas da cidade de Detroit continuam a fornecer grandes discos de garage rock, como o mais recente lançamento do Paybacks, "Harder and Harder".



KISS NA EUROPA

Paul Stanley espera levar a sua tour Live To Win para o Japão e Austrália em Maio de 2007. Paul havia comentado que pretendia levar sua excursão para fora dos Estados Unidos. Sobre a Europa vem naturalmente no seu devido tempo disse Paul. Existem planos para uma nova tour dos Kiss para o ano de 2007, no verão.

pub



RUBY ANN & THE BOPPIN' BOOZERS

NOVO ÁLBUM

“HONKIN TONK MIND” é o nome que o novo registo de Ruby Ann e “companhia”. É mais um álbum cheio de boas canções, do mais puro rockabilly. Ruby Ann & The Boppin'Boozers deixaram, mal tinham soado as primeiras notas, uma pergunta no ar: serão eles mais perfeitos que os originais? Herdeiros do estilo rockabilly e da herança de Patsy Cline, este grupo de Coimbra é um clone, mais perfeito que os descendentes da ovelha Dolly, das bandas que alegraram a década de 50 e deram um novo sentido à existência dos músculos que rodeiam as ancas. E o mais curioso é que o quarteto (composto por voz, guitarra folk e eléctrica, contrabaixo e bateria) nem sempre é virtuoso executante de “covers”. Nada disso: a maior parte dos temas, rápidos e irresistíveis, são originais assinados pelo guitarrista Pedro “p.rocka”, que deve ter muito pena de ter nascido com meio século de atraso, e ainda por cima no país errado. Mas sem dúvida que se está a esforçar para compensar esse facto - e está a fazê-lo muito bem.

THE DATSUNS

POR CÁ BREVEMENTE

Este grupo neozelandês entrou em cena no ano 2002 com o lançamento de “The Datsuns”. O som aguerrido e os poderosos acordes fizeram com que se destacassem das restantes bandas, que surgiam na mesma altura e optavam igualmente por um revivalismo das sonoridades rock dos anos 70, chegando mesmo a serem galardoados com o prémio de banda revelação, nesse mesmo ano, pela conceituada revista britânica NME.

Em 2003 a banda marcou presença no festival Paredes de Coura e acabaria por surpreender a maioria do público presente que, não conhecendo o seu trabalho, se foi deixando contagiar pela energia e electricidade que lhes eram transmitidas do palco. O aguardado segundo álbum editado em 2004 contou com a produção de John Paul Jones, baixista dos lendários Led Zeppelin. No entanto acabaria por se tornar uma participação ingrata, visto que o álbum acabaria por desiludir, acusando a banda de falta de capacidade criativa, marcada pela ausência de garra e poder que tanto marcava o grupo.

The Datsun regressam agora com um EP intitulado “Stuck Here For Days”, onde aparentam ter ultrapassado o segundo trabalho menos conseguido, seguindo por sua vez, caminhos mais próximos dos blues e voltando a apresentar a garra que os caracterizou inicialmente. Antevê-se um grande concerto de rock, atirando alguns para uma viagem ao passado, lembrando uns Led Zeppelin ou uns AC/DC.



WRAYGUNN now!

Com um ano de 2006 recheado de grandes concertos em Portugal, França, Suíça, Luxemburgo e Irlanda, os WRAYGUNN preparam-se para, em 2007, apresentar um novo álbum. Dotados da energia com que habituaram o público nos palcos por onde passam, os WRAYGUNN estão, neste momento, na fase de pré marcação de espetáculos para 2007.



JOHN WAYNE WESTERNS B.S.O.

São imperdíveis os grandes westerns em que este senhor participou, com a sua tão afinada e característica actuação. Finalmente houve alguém que se lembrou de fazer uma colectânea das melhores músicas, de filmes como, “The Big Trail” ou “Fort Apache”. Uma colectânea curiosa a não perder.

HENRY ROLLINS LANÇAMENTO DVD!

Sempre preocupado e envolvido com a política não só dos Estados Unidos, mas de todo o mundo, o vocalista Henry Rollins anunciou que lançará em Novembro um DVD registrado durante suas mais recente tourné. Intitulado "Shock and Awe", o material trará uma performance que, na verdade, é mais um discurso do músico sobre factos da actualidade, chega às lojas via "2.13.61", gravadora do próprio Rollins. A apresentação, conhecida lá fora como "spoken-word", foi registada em Seattle, nos E.U.A. em Março deste ano.

O DVD contará ainda com muito material extra como cenas da USO Tour, que passou pelo Afeganistão, Qatar e Quirquístão. Henry Rollins ainda viajou ao Iraque e ao Kuwait e já planeia shows em Honduras. Vale ressaltar que todas essas apresentações são realizadas exclusivamente para as tropas norte-americanas em serviço nos respectivos países.

O vocalista Henry Rollins anda bastante ocupado atualmente. Além de continuar buscando integrantes para montar uma nova banda, ele agendou algumas datas extras de sua tourné mais recente, baptizada de "Shock and Awe My Ass". O grandalhão afirmou também que lança em breve o seu mais novo DVD, intitulado "Live At Luna Park". Para quem ainda está achando pouco, o eterno líder da Rollins Band colocará nos lojas uma nova versão do livro "Get In The Van".



ROLLING STONES now!

A apresentação dos veteranos Mick Jagger, Keith Richards, Ron Wood, Charlie Watts e Bill Wyman, no próximo sábado, não é uma boa notícia só para os felizardos que conseguiram um bilhete para o espectáculo, os empresários hoteleiros de todo o distrito de Coimbra também têm motivos para sorrir. De acordo com a Associação dos Industriais de Hotelaria e Restauração do Centro (AIHRC), a capacidade hoteleira do distrito está agora à beira de esgotar no próximo fim-de-semana, tudo por causa desta apresentação dos Rolling Stones na inauguração do Estádio Municipal de Coimbra.



BEATLES LP ÚNICO

Uma versão raríssima do celebrado "The Beatles" (White Album) ficará exposta por tempo limitado na exibição "The Beatles Story", hospedada na cidade de Liverpool. Trata-se de uma cópia azul do disco duplo, reconhecida como sendo única no mundo.



JOHNNY REBEL PORTUGAL

O controverso cantor country, Johnny Rebel, prepara-se para vir até Portugal, para dois expectantes concertos. Terão lugar em Lisboa, na Aula Magna e no Porto, no Rivoli, nos dias 16 e 17 de Janeiro respectivamente. Anseia-se por dois espectáculos cheios de irreverência.

pub

COUNTRY ROCK CELESTIAL



ORIUNDOS DO TENNESSEE, OS **KINGS OF LEON** SOLTAM NAS SUAS MÚSICAS MUITA POEIRA DO SUL DOS EUA, ASSIM COMO UM HÁLITO FORTE A JACK DANIELS.

TEXTO DE LUCIANO VIANNA FOTO DE WEB

Antes de começarmos a falar dos Kings of Leon, uma ressalva. Os Kings of Leon não são a salvação do rock e nem passam perto de ser algo que salta aos ouvidos como uns Sigur Rós em 2000, uns Strokes em 2001, uns Polyphonic Spree em 2002 ou uns Mew em 2003. É uma boa banda, sem dúvida, sem nenhuma música fora de série, mas com um disco bem redondinho do início ao fim.

Os quatro rapazes são membros da mesma família, Followill, três irmãos e um primo. O mais velho deles, o baterista Nathan Followill, tem apenas 23 anos, enquanto o mais jovem, o baixista Jared Followill, tem apenas 16. Com uma família toda voltada para a igreja (os irmãos passaram boa parte da infância saltando de cidade em cidade enquanto o pai ia pregando pelo Sul dos EUA), usam grandes influências sulistas e obtêm a mais perfeita mistura de Lynyrd Skynyrd

com ZZ Top já mais ouvida. Seriam ídolos em Niterói apenas se não tivessem uma major por trás, mas com as pessoas certas por trás, fazem bons concertos e, principalmente, caíram nas graças dos ingleses, rapidamente se transformaram na mais nova sensação mundial, com o álbum Youth & Young Manhood.

Com letras que mais parecem ter sido escritas por Robert Johnson em alguma encruzilhada da vida, os rapazes dos Kings of Leon parecem estar no caminho certo, mas Youth & Young Manhood mostra que o grupo ainda precisa beber muito Jack Daniels para chegar lá. Se bem que já soltam muita poeira por os sítios onde passam. A banda estará a abrir uma mini-tour dos Strokes pelos EUA em Outubro. O London Burning vai estar nos seus concertos e vai poder conferir de perto, mas a primeira impressão é a de uma boa banda, nada mais que isso. E não é já suficiente? 🗨

pub

THE STOOGES

IGGY POP JÁ TOCARA
COM ALGUMAS
BANDAS LOCAIS, MAS
APÓS TER ASSISTIDO
A UM CONCERTO DE
DOORS DECIDIU FORMAR
A SUA PRÓPRIA BANDA

TEXTO DE JOÃO FLORES FOTOS DE WEB

Apesar de curta, a existência desta banda viria a mudar por completo o rumo da música. Corria a era da psicadélica no final dos anos 60, quando surgiram provenientes de Ann Arbor (arredores de Detroit) com uma nova sonoridade e munidos de uma atitude única na época.

Iggy Pop já tocara com algumas bandas locais, mas após ter assistido a um concerto de Doors decidiu formar a sua própria banda com os irmãos Ron e Scott Asheton, na guitarra e bateria, respectivamente e ainda Dave Alexander no baixo. O som, rudimentar, sujo e cru conferia à banda uma nova perspectiva do rock, despindo-se dos ritmos já provenientes do R&B e do rock & roll. A banda rapidamente ganhou adeptos no underground musical, muito por culpa das actuações em palco, em especial de Pop, que soltando o seu espírito selvagem e primitivo, frequentemente se cortava com vidros em palco, espalhava sangue pelo corpo e mergulhava para o público. Apesar de uma certa fama adquirida, os Stooges eram demasiado irreverentes e estranhos para serem contratados por uma editora. Em 1968 a sorte bateu à porta da banda, quando um membro a editora discográfica Elektra, cuja intenção seria assinar com MC5, acabaria por contratar os Stooges. O primeiro álbum surgiria no ano seguinte, com John Cale (Velvet Underground) a ocupar o cargo de produtor. Embora recebendo boas críticas por parte da imprensa especializada, em termos de vendas o álbum acabou por ser um fracasso. O recurso a drogas era constante, e aos poucos a banda começou a desintegrar-se. O lançamento do segundo trabalho acabou por não ajudar a situação em que se encontravam. Este viria a passar bastante despercebido pela imprensa, à medida

que Pop se entregava progressivamente à heroína. Dave Alexander acabaria por abandonar a banda, entrando James Williamson para o seu lugar. David Bowie, no auge da sua carreira como Ziggy Stardust, acabaria por entrar na vida de Iggy Pop e decidido a pegar nos Stooges, tomou as rédeas da produção do terceiro e último álbum da banda Raw Power. Este trabalho acabaria por fracassar igualmente levando ao fim da banda. O trabalho da banda viria a ser admirado, e até mesmo copiado por muitos, podendo mesmo dizer-se que a banda levou ao surgimento da sonoridade punk. Actualmente a influência de Stooges no som praticado pelas bandas é quase inevitável, tendo escrito uma página no mundo da música. Poucos acreditariam na reunião dos Stooges acontecendo após Iggy Pop ter convidado os irmãos Asheton a participarem no seu último trabalho, juntando-se a eles Mike Watt (ex-Minutemen) no lugar do já falecido Dave Alexander.

O grupo regressa assim aos palcos portugueses, tendo já marcado presença na edição de 2005 do festival Super Bock Super Rock, tendo surpreendido apenas aqueles que não conheciam a banda, Iggy Pop mostrou “como se faz” aos mais novos, e cantando já com os seus 59 anos tem mais energia e vitalidade em palco que a maioria dos jovens nestas andanças. Um concerto imperdível. Onde está à partida garantido que o público irá sentir e viver o verdadeiro espírito do rock. 🎸

Iggy em 1969 (esquerda).
Nesta página, Iggy Pop
e Mike Wyatt, em 2005



THE MODERN AGE



THE STROKES, ESTES SÃO OS RAPAZES RESPONSÁVEIS POR O RENASCIMENTO DO ROCK N' ROLL A QUE TEMOS ASSISTIDO, TODAS ESSAS BANDAS QUE SE DENOMINAM POR "THE... QUALQUER COISA"

TEXTO DE RUTE VENTURA FOTOS DE WEB

No próximo dia 22 de Julho, Lisboa acolhe um dos mais esperados concertos dos últimos anos. Os Strokes apresentam-se pela primeira vez em Portugal e trazem na bagagem três álbuns que provaram ser uma nova aragem para o rock n' roll moribundo do início do século. E se no início do século era o frenesim que suscitava uma curiosidade sobre estes cinco rapazes de Nova York, fazendo com que os adolescentes se quisessem parecer com junkies, actualmente é a segurança com que pisam o palco e sobretudo o à vontade com que tocam os seus instrumentos. O mesmo à vontade de quem, apesar de ascensão fulminante, soube manter os pés no chão e transpor a barreira do amadorismo. Julian, Nikolai, Albert, Fabrizio e Nick podiam muito bem ser os apóstolos do novo rock. Para muitos são com certeza os verdadeiros responsáveis por trazerem de volta as guitarras electrónicas num panorama musical que é maioritariamente submisso aos "bling-blings" do hip-hop. Da mesma forma que os Smiths foram a salvação para o pântano musical dos britânicos na segunda metade da década de oitenta, os Strokes iniciaram inadvertidamente a fuga para o rock no virar do século, arrastando consigo uma infinidade de novas bandas. De repente o rock n' roll já não jazia morto mas estava vivo e recomendava-se.

A verdade é que o rebuliço em torno dos rapazes esteve sempre presente mesmo antes da entrada em órbita do seu primeiro álbum "Is This It". "A culpa é da música" - disse numa ocasião Julian Casablancas. Ele tem razão, mas é mais que isso. Os jeans rasgados, as t-shirts desbotadas, o ar despreocupadamente sujo e angelical, ajudaram a construir e a alimentar a áurea dos Strokes. É num colégio interno suíço que Julian, na altura um miúdo com alguns problemas de álcool, conhece Albert Hammond Jr. Apesar de não serem grandes amigos na altura, reencontram-se anos mais tarde em Nova Iorque e juntamente com Nikolai, Fab e Nick e dão por si a ensaiar.

GUITARRAS ELECTRIZANTES E A VOZ AGRIDOCE DE CASABLANCAS, FAZIAM DE “IS THIS IT” O MELHOR ÁLBUM DE ESTREIA

É apenas em 1999 que adoptam definitivamente o nome para The Strokes, após sugestões curiosas como De Niros ou The Motels. Entretanto a popularidade cresce e a banda começa a tocar no Mercury Lounge em Manhattan, onde conhecem Ryan Gentles que num acto de loucura (ou não!) se demite do emprego e se torna manager da banda, convencido que tinha ali algo fantástico. Não se enganou e no começo de 2001 a banda edita, através da Rough Trade Records, o seu primeiro EP: “The Modern Age” – o qual incluía Last Nite, The Modern Age e Barely Legal, em versões que diferem

das conhecidas actualmente. Este EP e as sistemáticas actuações da banda, um pouco por toda a cidade, despertam o interesse de várias editoras.

“Is This It”, o primeiro álbum da banda, vê a luz do dia em Outubro do mesmo ano. A inclusão numa faixa intitulada New York City Cops é alterada na sequência do 11 de Setembro, não querendo ferir susceptibilidades e embora escrita com boa fé, a letra continha o refrão provocador “new york city cops, they ain’t too smart”. A capa do álbum conhece também duas versões, isto porque a original, conten-

do uma fotografia muito ao estilo de Helmut Newton, que a América achou demasiado ousada, foi substituída por uma menos original e bastante mais aborrecida. Músicas poderosas, guitarras electrizantes e a voz agridoce de Julian Casablancas, faziam de “Is This It” o melhor álbum de estreia que a banda poderia desejar, ascendendo aos dois milhões de cópias vendidas. Do disco são extraídos quatro singles: Last Nite, Modern Age, Hard to Explain e Someday. Os meses que se seguiram comprovaram a aceitação internacional da banda, sobretudo no Reino Unido, onde as prestigiadas revistas como a NME vêem na banda a magia perdida com o fim da britpop. Um pouco por toda a parte sucediam-se concertos juntamente com White Stripes e os Rolling Stones. Mas como a fama é madrasta, a dúvida impunha-se: o alarido em torno dos miúdos eram apenas um fenómeno passageiro, ou os tipos sabiam o que estava a fazer? Era necessário um segundo álbum para poderem provar o seu valor.

E a chegada do segundo disco responde à questão. Julian e os seus amigos sabiam bem o que estavam a fazer e mais que isso, sabiam fazê-lo bem. A banda não só manteve sinais de uma grande maturidade e irmandade, sendo frequentemente criticados pelos media que achavam bizarro estes rapazes passarem a vida a abraçarem-se e trocar mimos.

“Room on Fire” é editado no Outono de 2003, e se não conseguiu a proeza de suplantar o primeiro trabalho, também não se mostrou inferior. Resistindo à tentação de colocar artifícios, como muitas bandas fazem após o sucesso, “Room on Fire” aceitou a modéstia e limitou-se a ser quem era, um disco simples e acutilante, onde os Strokes não se imitavam a si próprios mas muniam-se de novas histórias com músicas curtas, explosivas, eficazes. O álbum traduziu-se em três singles 12:51, Reptilia e The End Has no End. A inspiração pós-punk continua presente: Television, The Stooges, Velvet

Underground. A sensação que a banda deixa transparecer é que nada mudou na música desde há vinte anos para cá. Curiosamente o disco contava inicialmente com a produção de Nigel Godrich (conhecido pelo seu trabalho com os Radiohead), mas acabou por ser substituído pelo anterior produtor de “Is This It”, Gordon Raphael. A digressão que se seguiu repetiu o sucesso da primeira, The Strokes foram para a estrada com os Kings of Leon e com a Regina Spektor, com a qual gravaram a faixa Modern Girls & Old Fashioned Men, contido no single Reptilia.

Em 2004 a banda pensou em fazer um disco ao vivo, o suposto “Live At London”, que ficaria (felizmente) pelo caminho. A qualidade das gravações não era a melhor e trazer um álbum ao vivo seria um passo em falso após uma estreia brilhante. Podia-se pensar que a banda estava com falta de ideias, ou até que estavam cansados de tanto sucesso, provavelmente até era verdade. O sucesso súbito obrigara os rapazes a crescer muito depressa e um tempo de pausa na cena musical era desejado. Tanto mais que viriam a suceder-se grandes transformações nas

A SENSÇÃO QUE A BANDA DEIXA TRÁNSPARECER É DE QUE NADA MUDOU NA MÚSICA DESDE HÁ VINTE ANOS PARA CÁ

The Strokes, 2004

Julian Casablancas,
V Festival 2004,
Weston Park, Inglaterra

Tops of the Pops, 2001





1. Nikolai Fraiture.
2. Nick Valensi.
3. Julian Casablancas e Albert Hammond Jr. a dedilhar doído na Stratocaster.



vidas de todos, Julian Casablancas viria a casar-se com Juliet Joslin, assistente da banda, Fab Moretti conquistara o coração da famosa actriz Drew Barrymore e Nikolai Fraiture com trinta anos estreava-se agora como pai.

“First Impressions of Earth”, editado em Janeiro deste ano, traz de novo os Strokes para os topos de venda e para a estrada. Alguns meses de gravação no Red Carpet Studios em Nova York produziram um álbum que gerou algum criticismo. Contudo, a aceitação por parte dos fãs comprovava mais uma vez que a banda tinha uma missão a cumprir, que longe de ser messiânica, pretendia pura e simplesmente criar boas músicas de rock n’ roll. “First Impressions of Earth” não atinge a genialidade dos álbuns anteriores. Pode-se até dizer que segue uma linha mais mainstream e peca por ser demasiado longo, mas a vontade da banda em experimentar novas concepções é legítima e consegue fazê-lo sem perder a magia inicial (excepção feita à clara imitação de Shane MacGowan em Evening Sun). A bateria de Fab, as guitarras de Nick e Albert e o baixo de Nikolai mantêm as melodias coesas e palpitantes, onde a voz de Julian surge sempre com algum espectro cínico e por vezes doloroso. Juicebox é o single de estreia nas rádios e na televisão, mostra a banda muito mais desinibida, Heart in a Cage sucede-lhe poderosamente e o final de Julho viu a faixa You Only Live Once ser extraída para terceiro single. 📻

GOSSIP!

Fab Moretti nasceu no Rio de Janeiro e deixou o Brasil aos 3 anos, aprendeu a falar português com os seus familiares. Foi a pensar nos jovens com diabetes que Fab decidiu criar a Judi Foundation, a qual angaria fundos para investigação da doença.

Nick Valensi tem origem francesa e tunisina. Recebeu a sua primeira guitarra aos 5 anos, aos 11 já se sentia à vontade a tocar Chuck Berry. A sua guitarra preferida é uma Epiphone Riviera, a qual usa frequentemente nos concertos. Nick aceitou recentemente um convite de Regina Spektor e irá colaborar na faixa Better, do próximo álbum da cantora. Também Albert Hammond Jr. revelou, numa entrevista à NME, estar a trabalhar num projecto a solo. Antes de a banda ter um manager, Albert fazia-se passar por empresário da banda usando o nome falso de Paul Spencer.

O guitarrista é frequentemente considerado o stylish guru da banda, isto porque os sapatos dele condizem sempre com o cinto.

O pai de Julian, John Casablancas é o dono e fundador da agência Elite Models. Já Albert Jr., herdou o nome e o talento do pai, Albert Hammond, compositor e cantor com vários êxitos nos anos 70.

Roman Coppola, colabora frequentemente nos videoclips da banda, tendo realizado entre outros Last Nite, Someday e 12:51. O baixista, Nikolai Fraiture, é considerado o elemento mais sossegado da banda, adora ler e consta que quando era criança, roubou um boneco da saga Star Wars da loja onde o pai trabalhava. O seu envolvimento com a música começou aos 19 anos, quando o avô dele lhe ofereceu uma Fender Jazz Bass.

pub

OS **NEW YORK DOLLS** FORAM A MELHOR E A MAIS INCOMPREENSÍVEL BANDA DE ROCK N' ROLL AMERICANA DE TODOS OS TEMPOS, TENDO SIDO UMA DAS PRINCIPAIS REFERÊNCIAS DE BANDAS COMO, KISS, AEROSMITH, GUNS N' ROSES, RAMONES, THE CLASH, REM, POISON, MÖTLEY CRÜE, SHAM 69, THE STROKES OU PLACEBO.

TEXTO E ENTREVISTA DE EDUARDO SANTIAGO
FOTOS DE WEB

Formados por dois ícones da música popular, David Johansen e Johnny Thunders, esta banda nova-iorquina tinha todo o potencial de uma dupla do tipo Jagger/Richards a nível da composição, potencial esse, imortalizados somente dois álbuns na década de 70. Johnny Thunders sugeriu "Dolls" e David Johansen "New York", segundo reza a lenda da formação de um dos nomes mais carismáticos do Rock n'Roll. Os New York Dolls marcaram pela sua forma irreverente e original de apresentação, combinando o glam rock de David Bowie e T.Rex com o som anárquico de Stooges criaram o que viria a ser chamado Punk-Rock. Mesmo antes de gravarem qualquer registo, o baterista original Billy Murcia morre tragicamente em 1972 de excesso de drogas e álcool, deixando um presságio do que viria a ser o história dos New York Dolls.

New York Dolls

Em 1973 gravam finalmente o seu primeiro registo, homónimo New York Dolls, que produzido por Todd Rungren e gravado em apenas uma semana se vem a tornar como um álbum essencial em qualquer colecção de rock que se preze. A Banda começa a promover o novo álbum e os excessos começam a aumentar exponencialmente, culminando na gravação do seu segundo álbum com o título "Too Much Too Soon", que apesar de ser aparentemente mais "honesto" do que o primeiro, funcionava menos apesar das fantásticas músicas "Babylon", "Stranded in the Jungle", "Puss n' Boots" ou "Chatterbox" (com a voz de Thunders).

Com as vendas a baixarem e os excessos de drogas a aumentarem inversamente, a Editora Mercury abandona os New York Dolls, que não tendo nenhuma editora interessada, decidem contratar Malcom McLaren (dono de uma loja de artigos sexuais em Londres que iria marcar o sentido estético do Punk) para seu manager que mais tarde ficaria conhecido por gerir os Sex Pistols. McLaren decide desenvolver as suas capacidades para transformar o choque em boa publicidade, que embora venha a resultar com os Sex Pistols, com os NY Dolls sai-lhe o tiro pela culatra, quando este decide colocá-los a tocar em cabedal vermelho com uma bandeira da União Soviética em plena guerra do Vietname. Esta abordagem só fez com que se criasse um fosso ainda maior por parte das editoras e a banda, que antes já receavam a imagem de Drag Queens dos New York Dolls ("The boys hate us but the girls love us. We make the boys... umm insane... insecure." Disse uma vez David Johansen), e agora ainda mais, com uma banda assumidamente comunista e contra o sistema.

Em 1975 Thunders e Nolan (baterista) abandonam o grupo para formarem os Heartbreakers.

Malcom McLaren é despedido por David Johansen, e após uma tentativa de reanimar o grupo com novos músicos, os New York Dolls chegam ao fim em 1977, David Johansen inicia uma carreira a solo com a participação de Sylvain, sob a forma de um alter-ego, Buster Pointdexter na década de 80 (factos absorvidos no filme Velvet Goldmine, quando a personagem inspirada em David Bowie se refugia em Las Vegas como cantor de Cabaret) participando também em alguns filmes.

Passaram-se 30 anos e os NY Dolls preparam-se agora para lançar um novo álbum, com baixas na formação original, uma vez que Thunders morreu em 1991 de overdose na miséria num quarto de motel, Nolan morre no mesmo ano com um ataque cardíaco e Arthur Kane que após um concerto de reunião organizado por Morrissey (presidente do clube de fãs dos New York Dolls em Londres) em 2004, dá entrada num hospital com uma gripe aguda e passadas algumas horas morre com leucemia, sendo conhecido pelo seu azar cármico dentro da banda, acabou por nunca sair do hospital.

Os "novos" New York Dolls, o batom, o rímel e os saltos altos ficaram para trás, substituídos por umas figuras masculinas muito mais discretas. As festas barulhentas que os ajudaram a elevar-se a um status lendário são hoje eventos muito mais moderados, apresentam-se agora, mais velhos mas com uma vontade de tocar de adolescentes de 18 anos. 📍



New York Dolls, 2006



Top of the Pops, 1973

DISCOGRAFIA

ORIGINAIS

»1973 - New York Dolls

»1974 - Too Much Too Sun

»1982 - Lipstick Killers - The Mercer Street Sessions 1972

»1984 - Red Patent Leather

»1992 -Seven Day Weekend

»1993 - Paris Le Trash

»1998 - Live In Concert, Paris 1974

»2002 - From Paris With Love (L.U.V.)

»2003 - Manhattan Mayhem

»2006 - One Day It Will Please Us to Remember Even This

COMPILAÇÕES

»1977 - New York Dolls / Too Much Too Soon

»1985 - Night of the Living Dolls

»1998 - Hootchie Kootchie Dolls

»2000 - New York Tapes 72/73

»2004 - The Return of the New York Dolls - live from the royal festival hall 2004



New York Dolls muito casuais, em 1973.

ENTREVISTA A DAVID JOHANSEN

O último álbum dos New York Dolls foi gravado em 1974, passaram-se 30 anos para gravarem o seu sucessor, porquê só agora?

David Johansen – Porque nos apeteceu... (risos). Não, eu o Sylvain sempre fomos tocando ao longo destes anos e sempre houve uma certa vontade de reunir os Dolls. Em 2004 quando o Morrissey nos convidou para ir-mos tocar ao Meltown Festival aceitamos e divertimo-nos tanto nesse concerto que pensámos, “Bolas, temos grande som e o público está a aderir, porque não fazer um álbum?”:

Recentemente Morrissey um famoso fã de New York Dolls, afirmou que “Mick Jagger” rouou tudo a David Johansen” colabora desta opinião?

Ele sabe do que está a falar e mais não posso dizer, é apenas a opinião dele.

Mantém-se a atitude e o estilo de vida Rock n’ Roll nos New York Dolls?

Acho que os últimos episódios com os New York Dolls, em que alguns membros morreram, devido aos excessos de drogas foram muito tristes. Quando as drogas se tornam número um, e a música passa para o banco de trás e esquecemos que ela é a prioridade e a nossa paixão, algo está errado.

E o que é que acontece como resultado disso?

As drogas interferem connosco transformando-nos em algo diferente, apagando a nossa verdadeira identidade musical.

Malcom McLaren o vosso antigo empresário...

Tudo o que tenho a dizer em relação a esse indivíduo. É que ele nunca foi o nosso empresário, a mulher dele fazia a roupa que nós usávamos em palco, e é natural que ele nos seguisse para todo o lado em tournée, porque gostava imenso da nossa música.

Vocês vestiam-se de cabedal vermelho com uma bandeira da União Soviética. Uma banda comunista americana de Rock n’ Roll em plena Guerra Fria?

A ideia era de formar um partido comunista americano. (risos) Ainda hoje como na altura, o Governo precisa de criar inimigos para poder criar um clima de insegurança e de medo de forma a induzir um ódio cego por algo, é assim que eles controlam a sociedade e criam dependência. Nós só queríamos era tocar contra o sistema. (risos)

O vosso método de compor mudou muito ao longo destes anos?

Uma pessoa vai evoluindo ao longo dos tempos, conhecendo novas coisa e aprendendo sempre. Hoje em dia oiço de tudo, desde ópera, salsa, blues, jazz. Quando se escreve uma canção tem que se ter em mente que a vamos cantar muitas vezes, por isso tento escrever algo que não me farte de cantar mais tarde.

Em que género se pode enquadrar os New York Dolls de agora?

Não me interessa por géneros mas sim pelo toque humano que se dá a cada música. A música para mim é uma das mais altas expressões da humanidade.

Para quando um concerto em Portugal?

Nunca estive em Portugal e adorariamos ir dar aí um concerto na praia. Vamos ver se é possível num futuro próximo. 📍

pub

O REGRESSO DA NO-WAVE NOVA IORQUINA

ENQUANTO OS SONIC YOUTH NÃO CHEGAM A TERRAS LUSAS,
NÓS VAMO-NOS DELICIANDO A OUVIR O NOVO ÁLBUM.



GENIAIS! PRONTO, FOI-SE O NÓ NA GARGANTA. NÃO HÁ UMA ÚNICA BANDA COMO OS **SONIC YOUTH**. DAS BANDAS QUE MARCARAM O ROCK DA DUAS ÚLTIMAS DÉCADAS.

TEXTO RAI0-X, WIKI FOTOS STEFANO GIOVANI, WEB

Os Sonic Youth podem ser considerados como um fenômeno musical, uma vez que o sucesso e o reconhecimento que a banda possui é bastante improvável entre grupos que não tem compromisso com padrões musicais que actualmente imperam no mercado, e muito menos com a postura mainstream que grande parte dos grupos de sucesso comercial ostentam hoje em dia.

fazer música pela música sem medo de experimentar, e por fim, pela atitude “do-it-yourself” que a banda sempre pregou, talvez seja por esses motivos que os Sonic Youth possuem uma legião fiel de fãs e reconhecimento por parte da media, tendo se tornado assim um ícone da música e cultura alternativa americana dos anos 80 e 90.

A história da banda inicia-se no final da década de 70, onde os movimentos underground de Nova York se proliferavam e chamavam a atenção de muitos jovens artistas e músicos. Entre esses estavam Lee Ranaldo e Thurston Moore, que se mudaram para a Big Apple interessados justamente em algumas manifestações musicais que rolavam por lá, como a “No Wave” e o próprio punk rock. Juntos, eles tocaram na “guitar-opera” de Glenn Branca, que era um músico que organizava apresentações onde haviam sempre muitas guitarras, chegando as vezes a terem seis delas tocando ao mesmo tempo. Tanto Ranaldo como Moore já haviam

AS GUITARRAS CORTANTES E O RITMO ENDIABRADO DA BATERIA DE STEVE SHELLEY MARCAM AS COMPOSIÇÕES

1. Kim Gordon 2. Steve Shelley
3. Lee Ranaldo 4. Thurston Moore
5. Em 1989



participado de pequenas bandas alternativas anteriormente (a última de Ranaldo foi o The Pluks e a de Moore foi o The Coachmen). Durante o início da década de 80, Moore namorava com a baixista Kim Gordon, que também era muito interessada em rock alternativo e também já havia participado em alguns grupos, como CKM. Assim, não passou muito tempo para que Moore e Gordon resolvessem formar uma nova banda, influenciados pelo cenário underground em que viviam e entusiasmados com os resultados que Glenn Branca alcançava com sua “guitar-opera”. No início de 1981, Moore volta a encontrar com Lee Ranaldo em um evento chamado Noise Festival, e lá o convida para entrar na banda que ele e sua namorada estavam construindo. Ranaldo aceita de imediato e com a entrada do baterista Richard Edson, nascem os Sonic Youth.

No verão de 1981, a banda começa a participar em vários festivais no circuito alternativo local, contando com a teclista Ann DeMarinus. Ann não fica muito tempo, não chega a participar das gravações do primeiro trabalho da banda, um EP homônimo lançado em 1982. O disco saiu pela gravadora de Glenn Branca, a Neutral Records, e é uma pequena amostra do que viria a se tornar o som característico do Sonic Youth: algo bastante alternativo, com boas doses de experimentalismo e melodia.

No início de 1983, o baterista Richard Edson deixa a banda para seguir a carreira de artista de cinema, chegando inclusive a participar em algumas produções americanas de sucesso como “Stranger Than Paradise” (de Jim Jarmush), “Do The Right Thing” (de Spike Lee), “Platoon” (de Oliver Stone) e “Good Morning Vietnam” (de Barry Levinson). Para o seu lugar foi chamado Bob Bert, e é com esse line-up que os Sonic Youth gravam seu primeiro LP, chamado “Confusion is Sex”, ainda em 1983. A banda continua com um som bastante alternativo e livre de qualquer rótulo muito específico, mas nota-se uma influência hardcore nas músicas, com riffs e bases de guitarras mais pesadas e agressivas. Inclusive, encontramos no disco um cover de uma das bandas seminais do punk rock, o Stooges: “I Wanna be Your Dog”. E é assim, agregando influências do punk rock e do underground em geral, aliadas as experimentações e sonoridades alternativas que os Sonic Youth começam a delinear seu estilo bastante peculiar e criativo. As letras escritas por Moore e Gordon falam de morte, caos urbano, anarquia, relacionamentos, preconceitos, etc. Ainda em 1983, logo depois de Moore e Gordon se casarem, a banda viaja pela Europa e por lá, através do selo alemão Zensor, lançam o EP “Kill Yr Idols”. Durante 1984, enquanto a banda continuava a tocar em pequenos shows e apresentações, Moore esforçava-se para achar algum selo com melhor distribuição e maior alcance que aceitasse trabalhar com os Sonic Youth.

A banda estava aos poucos ganhando notoriedade e nesse ano lança pela Ecstatic Peace uma cassete chamado “Sonic Death: Sonic Youth Live”, com músicas tiradas de shows.

Em 1985 o Sonic Youth assina com a Blast First Records, um selo criado por Paul Smith, um dos donos da Doublevision Records. Esta última não havia gostado muito dos demos e dos trabalhos do Sonic Youth e por isso não os contratou, mas Smith viu potencial em Moore e companhia, e criou a Blast First justamente para lançar os discos do grupo. O primeiro trabalho pelo novo selo sai ainda em 1985, é o disco “Bad Moon Rising”. A banda continuava incorporando no seu som influências de hardcore e punk rock, juntamente com as já características harmonias e arranjos não convencionais. Ainda assim, a banda não soava totalmente inacessível e direcionada apenas para um público muito restrito: as estruturas musicais e melodias eram mais acessíveis e elaboradas. Essa mistura de tendências fazia dos Sonic Youth uma banda muito promissora, não apenas no circuito alternativo, mas com potencial de atingir também um público maior e menos específico. “Bad Moon Rising” fez bastante sucesso, e a banda acaba recebendo várias propostas de selos que queriam ter a banda em seu cast. O Sonic Youth acaba assinando com a SST, a mesma que bancava algumas bandas já consagradas do cenário alternativo como os Husker Du, os Minutemen e os Black Flag. O primeiro disco pela SST é lançado em 1986, “Evol”, já contando em sua formação com aquele que viria a ser seu baterista definitivo, Steve Shelley. Nele, as influências punk mais agressivas foram deixadas um pouco de lado, e a banda utilizou melodias e arranjos mais convencionais, mas sem deixar de lado as experimentações e distorções que já eram a marca registrada do Sonic Youth. O disco tem uma distribuição bem melhor que os trabalhos anteriores do grupo, e a banda deixa de ser apenas mais um nome promissor vindo do underground. Para fechar o ano de 1986, a banda grava a banda sonora do filme “Made in USA”.

O amadurecimento musical e o reconhecimento por parte da mídia continua com o disco “Sister”, lançado em 1987. O Sonic Youth vai ganhando aos poucos o rótulo de grande nome do cenário underground americano, e começa a ter mais exposição pela mídia. A revista Rolling Stone torna-se uma das grandes fãs da banda, publicando reviews bastante positivos dos seus álbuns. Mas não se deixam levar por tudo isso, e continuam com a mesma postura diante do sucesso inesperado. Sem abandonar as sonoridades alternativas e experimentações em geral, a banda segue dando concertos incendiários pelos EUA e em outros países, e em 1988 lança seu 5º álbum de estúdio, o aclamado “Daydream Nation”. Para muitos é o melhor disco do Sonic Youth, onde a banda encontrou o equilíbrio perfeito entre o experimentalismo e a melodia, entre as distorções de guitarra com as harmonias marcantes. Canções como “Silver Rocket” e “Teenage Riot” fizeram a banda ser definitivamente reconhecida como uma das melhores do cenário alternativo americano. Obviamente não era um sucesso estrondoso na rádio e na imprensa, desses que costumam aparecer frequentemente nos EUA (para depois desaparecer completamente), mas dado o estilo e a postura da banda, o sucesso era relativamente significativo. Juntamente com o EP “Master Dick”, o disco “Daydream Nation” foi lançado pela Enigma Records. Ainda em 1988, os Sonic Youth participam num projecto paralelo chamado Ciccone Youth (que conta com o baixista Mike Watt, ex-Minutemen e Firehouse) e lançam o disco “The Whitey Album”, uma espécie de álbum conceptual-irônico acerca de toda uma cultura musical, que vai da Pop (covers de Madonna e Robert Plamer), à música contemporânea erudita (referenciam a composição 4:22 de John Cage, através da faixa Silence), passando pelas influências experimentais do Sonic Youth, que vem do Krautrock alemão (Neu, Can).

Em 1990, depois de trocar de selo novamente (a nova casa era a DGC Records, propriedade de David Geffen), a banda lança o disco “Goo”, que confirmava o bom momento do grupo. O álbum, que a banda produziu com total liberdade de criação (garantida pelo próprio David Geffen), também faz bastante sucesso e teve uma larga distribuição ao redor do mundo, levando o nome do Sonic Youth à lugares que nunca

antes tinham ouvido falar da banda. Para a divulgação de “Goo”, a banda participa de uma tour ao lado de Neil Young, que estava divulgando seu disco último disco chamado “Ragged Glory”. Em outros shows, os Sonic Youth aproveitavam para ajudar bandas iniciadas do underground americano, como por exemplo, os ainda desconhecidos Mudhoney, Pavement e Nirvana (que seriam contratado por David Geffen no ano seguinte, por indicação de Moore).

No início de 1992, a banda volta aos estúdios para a gravação de mais um disco, dessa vez contando com a ajuda de um renomeado produtor, Butch Vig. O resultado é “Dirty”, e com canções como “Sugar Kane” e a politizada “Youth Against Fascism”, continuam a ser bastante celebrados e ter o seu nome cada vez mais bem visto, contando inclusive com exibição exaustiva de seus clips pela MTV. A identidade musical do grupo continua a mesma, ou seja, excelentes canções com melodias criativas em perfeita convivência com microfônias, distorções e experimentações em geral. Voltam a trabalhar com Butch Vig no disco “Experimental Jet Set, Trash and No Star”, lançado em 1994. O álbum chega a alcançar a 34ª posição na lista de mais vendidos nos EUA, e a 10ª posição na Inglaterra. Mas o trabalho acaba por não ter a mesma aceitação de “Daydream Nation” e “Dirty”, e logo

diferente, uma vez que nesse novo trabalho, a banda abusa nas experimentações e arranjos pouco convencionais, deixando um pouco de lado a fórmula equilibrada e de bastante sucesso dos discos anteriores. Ainda em 1994, o grupo resolve tirar umas férias por causa da gravidez de Gordon e enquanto esperava o nascimento de seu primeiro filho, Moore grava um disco solo, lançado em 1995 pela própria DGC, sob o título de “Psychic Hearts”.



Jim O'Rourke, apesar de neste momento estar fora da banda, não é por isso que não merece aqui uma foto sua. Afinal, enquanto “lá” esteve fez um grande trabalho.

De volta aos palcos em 1995, a banda é a headliner do festival alternativo Lollapalooza, e logo depois lança mais um disco de estúdio, "Washing Machine". O disco recebe boas críticas por parte da imprensa e faz mais sucesso comercial do que seu antecessor.

Em 1997, inauguram em Nova York um selo próprio chamado Smells Like Records (ou SYR). Através desse selo, a banda encontra um canal mais apropriado para lançar discos unicamente experimentais e instrumentais, sem se preocupar com a aceitação deles por parte do público e dos media, coisa que eles não podiam fazer na Geffen ou em qualquer outro selo do mundo, por motivos óbvios. Ainda em 1997, a banda começa a produzir um novo disco para a Geffen, que sai no final do ano sob o título "A Thousand Leaves". As guitarras de Moore e Lee e os vocais de Gordon continuam bastante criativos e espontâneos, e junto a isso a banda volta a criar boas melodias e arranjos mais acessíveis, fazendo o disco ser um novo sucesso comercial e consolidando mais ainda o estilo Sonic Youth de fazer rock alternativo.

Na metade de 1999 o grupo volta aos estúdios ao lado do produtor Jim O'Rourke para a gravação de um novo trabalho

a ser lançado pela Geffen. Apenas em fevereiro de 2000 o disco fica pronto, sendo lançado então em Maio, sob o título "NYC Ghosts and Flowers". O disco também possui o equilíbrio alcançado pela banda em "A Thousand Leaves", com boas melodias convivendo harmoniosamente com distorções e experimentações em geral. Destaca-se a arte gráfica do booklet, que tem fotos de Nova York tiradas por Lee Ranaldo, desenhos feitos por Kim Gordon e ilustrações do poeta William S. Burroughs. Parte do público e crítica consideram o disco um pouco irregular, mas sem dúvida trata-se de mais uma obra com o selo da banda. Com Jim O'Rourke oficialmente integrado na banda, lançam em 2002 "Murray Street", considerado a volta dos Sonic Youth à sonoridade que consagrou a banda. O'Rourke, que se tornou o terceiro guitarrista do grupo, e Thurston Moore admitiram em entrevistas que "Murray Street" reflete influências de rock mais clássico no som do grupo. Daí resultam melodias mais convencionais em comparação com as do disco anterior, sem abrir mão do estilo Sonic Youth, o que conquistou a banda os elogios mais entusiásticos da crítica desde "Dity", de 1992.

Esse álbum possui alguns traços que fazem lembrar da tragédia ocorrida em Nova York no dia 11 de Setembro de 2001, com os atentados terroristas que derrubaram o World Trade Center. A banda teve que suspender a gravação do álbum devido este acontecimento, ocorrido a poucos quarteirões do seu estúdio.

Em 2004, a banda lança "Sonic Nurse", que fecha uma trilogia iniciada com os dois álbuns anteriores. O disco é bem recebido pelos fãs e pela crítica, funcionando quase que como uma continuação natural de "Murray Street".

No dia 13 de Junho de 2006 foi lançado o disco "Rather Ripped", considerado por muitos, uma nova mudança no rumo sonoro da banda. Com a saída de Jim O'Rourke da banda no final de 2005, as músicas voltam a ganhar uma dinâmica mais pop, com canções mais curtas e concisas, sem grandes "viagens" instrumentais, que vinham--se tornar a marca nos seus últimos trabalhos. Contam com um quinto membro, Mark Ibold (ex Pavement), que participa da tour europeia de Rather Ripped como segundo baixista. 📍



Roskilde 2005 (esquerda).
São Francisco 2004 (direita).



CD. LP- RATHER RIPPED
2006 GEFFEN

EM ANÁLISE

01. REENA
02. INCINERATE
03. DO YOU BELIEVE IN RAPTURE
04. SLEEPIN AROUND
05. WHAT A WASTE
06. JAMS RUN FREE
07. RATS
08. TURQUOISE BOY
09. LIGHTS OUT
10. THE NEUTRAL
11. PINK STEAM
12. OR
13. HELEN LUNDBERG
14. EYELINER

Geniais. Pronto, foi-se o nó na garganta. Não há uma única banda como os Sonic Youth. Das bandas que marcaram o rock das duas últimas décadas - surgem nomes como os Pixies, Jane's Adiction, Nirvana, Pearl Jam. Smashing Pumpkins, Dinossaur Jr., entre outros - nenhuma se conseguiu afirmar de forma tão indelével no panorama musical dos últimos anos. Só talvez se arranje comparativo nos The Melvins mas ainda assim com menos fulgor criativo. A forma como sempre conseguiram aliar personalidade e postura a um contrato com uma major - a Geffen - é um paradigma num mundo onde poucas bandas têm esse luxo. O direito de ter a exposição e apoio logístico que muitas vezes só uma major permite morar junto com uma série de discos desafiantes e absolutamente fulcrais para perceber o rock das últimas décadas. Kill Your Idols, Evol, Sister, Daydream Nation, Goo e Dirty numa primeira fase e Washing Machine, A Thousand Leaves e Murray Street numa segunda, são discos obrigatórios em qualquer estante que se preze. A escola Sonic Youth é numerosa, as bandas que lhes prestam continência também. Nova Iorque pariu um monstro. Jim O'Rourke que se tinha juntado à banda em 1999, tendo contribuído em quatro discos, decidiu concentrar-se nos seus estudos de Língua e Filme Japoneses. De volta à formação de base os Sonic Youth deitaram, no final de 2005, mãos à obra e, sob conselho de Jim O'Rourke, contrataram como produtores J Mascis (Dinossaur Jr.) e TJ Doherty.

Ei-nos pois chegados a Rather Ripped, um dos melhores discos de SY dos últimos anos, um digno de sucessor do excelente Murray Street, depois relativo palso em falso de Sonic Nurse. Rather Ripped começa a todo o gás com dois dos melhores temas do disco, "Reena" e "Incinerate", as guitarras cortantes e ritmo endiabrado da bateria de Steve Shelley marcam as composições. Destaque também para a belíssima "Do You Believe In Rapture", para a mexida "Sleepin Around", para a sensual e hipnótica "Pink Steam" e para a planante "Or".

Rather Ripped é um documento de vitalidade e criatividade de uma banda sem igual. 25 anos na bagagem e parece tudo tão simples...

Pedro Miguel Guimarães, in Raio-X, 5-7-2006



pub

pub

DESTAQUE DO MÊS

GIANT DRAG
HEARTS AND UNICORNS
2006 . POLYDOR/UNIVERSAL . CD
☆☆☆☆

Entre o planeta Breeders/Belly e o universo Pixies/Throwing Muses, a dupla Giant Drag, da menina Annie Hardy e do menino Micah Calabrese, viaja com as próprias despesas e pede as facturas da gasolina em nome dos mentores. Mas como essa coisa da originalidade nem sempre é o melhor bilhete de identidade, os Giant Drag metem o seu próprio número de contribuinte e enganam o fisco com uma pinta do caraças. Belo disco de rock, com belas canções pop, melódicas mas adicionado um eloquente sentido sensual e perverso.

Você pode nunca ter ouvido falar em Giant Drag. Não seria nada de espantar, já que a banda tem apenas um disco e ele foi lançado em Portugal. A banda também não recebe grande atenção da media especializada, o que dificulta ainda mais. Mas o facto é que os Giant Drag merecem ser conhecidos. A dupla foi formada em 2002 em Los Angeles por Annie Hardy (vocal, guitarra e teclado) e Micah Calabrese (bateria e sintetizador). Com melodias que agregam indie, guitar e pop e vocais de uma doçura de matar diabético à primeira audição, o Giant Drag conseguiu com que uma de suas músicas, "Blunt Picket Fence", fosse incluída na coletânea Fold, junto de nomes já mais estabelecidos, como ...And You Will Know Us by the Trail of Dead, Black Rebel Motorcycle Club, Devendra Banhart, Metric e Polyphonic Spree.

O primeiro lançamento oficial da dupla, Lemona, um EP de cinco faixas, saiu em 2004. Pouco depois, Micah decide sair da banda



e é substituído por Eli. Micah retornou aos Giant Drag para gravar o que viria a ser o o álbum de estreia da banda. O disco, intitulado Hearts And Unicorns, foi lançado em setembro de início somente nos Estados Unidos. O disco traz músicas que vão do pop inocente (ou quase) de "Kevin is Gay" a um lado mais agressivo, como na semi-riot "My Dick Sux", passando pela dançante "This isn't it".

B.P.F.

pub



ALBERT HAMMOND JR.
YOURS TO KEEP
2006 . ROUGH TRADE . CD
☆☆☆

Albert Hammond, Jr., o «outro» guitarrista dos Strokes (os riffs mais virulentos são de Nick Valensi), não esconde a verdade: as canções de Yours To Keep, a sua primeira investida paralela, foram postas de parte pelos companheiros de banda, menos

afoitos a abraçar música fora da matriz Strokes tal como a conhecemos. Não estranhamente, Hammond, Jr. pisca o olho às guitarras enviesadas que emprega na banda-mãe mas passa, a maior parte do tempo, a fazer outra coisa qualquer. A saber: visitas ao atelier Beatles/Beach Boys, folk-pop sumarenta à Elliot Smith, delicadas baladas do íntimo, qualquer coisa que transpira o que, intuitivamente, associaríamos à honestidade.

O primeiro single extraído de Yours To Keep é «Everyone Gets a Star». O tema foi dado a conhecer no Myspace do artista e, posteriormente, tornou-se download exclusivo no iTunes. Albert é, segundo

Fabrizio Moretti (baterista dos The Strokes), um «portento de energia». «E sabe vestir-se! Este tipo sabe combinar o cinto com os sapatos!». **L.G.**



BEIRUT
GULAG ORKESTAR
2006 . BA DA BING/4AD . CD
☆☆☆☆

De um momento para o ano descubrem-se coisas como esta. "Gulag Orkestar"

é o primeiro trabalho da banda Beirut e é um álbum fora de série. Ao contrário do que parece esta banda é americana e o seu vocalista, Zach Condon's vive em Brooklyn, Nova Iorque. Este decidiu por em prática as influências que sofreu da música dos balcãs e da música cigana. O resultado é inquietante. Não me espanta que apareçam no balanço de final de ano como um dos melhores álbuns de 2006 e que para o ano estejam aí num festival qualquer ou num concerto numa Casa da Música. Seria um bom espectáculo.

O melhor é mesmo ouvir pois a sua multiculturalidade latente pode suscitar ou amor ou ódio. Há coisas assim! **D.B.**

MELVINS



GLUEY PORCH TREATMENTS
MELVINS
GLUEY PORCH TREATMENTS
1987 - 2006 . IPECAC RECORDS . CD

☆☆☆

Hummm... Comecei logo com o álbum mais difícil de caracterizar. Ambient-metal? Gothic-stoner? Imaginem que pegam numa partitura de uma banda sonora para cinema e entregam a uns metaleiros. As comparações com os Tool são correctas, mas a ausência de voz em grande parte dos temas torna-os mais sombrios e assustadores. Uma surpresa que merece o tempo gasto a assimilá-la. O único problema são os temas que têm voz, e destoa do ambiente soturno. Em geral, é o álbum de metal que mais me entusiasmou desde "Roots" dos Sepultura. **A.F.**



THE MAGIC NUMBERS
THE MAGIC NUMBERS
2006 . GEFEN RECORDS . CD

☆☆

O mundo necessita de bandas fofinhas com um quê de hippies felizes. Os Belle & Sebastian já tiveram a sua vez há uns anos e, mais recentemente, os Magic Numbers assumiram o posto após a derrocada do duo escocês. O quarteto de gordinhos acaba

de colocar na rua o segundo disco, "Those the brokes", com a responsabilidade de superar a óptima estreia, um sucesso comercial e de crítica. Sob a já conhecida pressão do segundo disco, o máximo que conseguiram foi chegar a uma pálida versão do primeiro CD. Estão lá todos os elementos que fizeram o MN cair no gosto do povo: as cordas, as baladas, o clima "vamos dar as mãos e cantar juntos". E justamente por fazerem mais do mesmo, sem ousar nem um pouco, que "Those the brokes" não merece muito. A delicadeza genuína de "Forever lost" ou de "Love's a game" se diluiu e tornou-se açúcar. Outro ponto contra fica com a duração das músicas: são 13 faixas no total e seis delas passam dos cinco minutos. Haja paciência! Existem até umas duas ou três músicas bonitinhas ali no meio, mas nada que vá mantê-los com o troféu da "Banda delicada preferida". Está na hora da fila andar. A destacar: "Running out" e "This is a song". **D.T.**



NEWTON
BREA THE FRIENDLY
2006 . CARBON RECORDS . CD

☆☆☆☆

De quando em quando surgem bandas pop que não se encaixam exactamente nos cânones do género. Ao invés de construir 3 minutos e meio de desvario e dança, emolduram um sentimento de desgarramento, de sofreguidão... Foi isso que senti quando ouvi

"Ocean Rain" dos Echo & The Bunnymen ou "Deserter Songs" dos Mercury Rev. É isso que sinto com "Brea the Friendly" dos Newton. A sensação de que cada canção é a última do álbum começa nos primeiros acordes. Há uma grandiloquência e até alguma pomposidade nos arranjos que, no entanto, e contraditoriamente, passam imediatismo e paixão. É um grande álbum. Descubram. **A.F.**



ART BRUT
BANG BANG ROCK & ROLL
2006 . FIERCE PANDA RECORDS . CD

☆☆☆☆

No lançamento do primeiro álbum Bang Bang Rock & Roll na Inglaterra, os críticos foram unânimes: Art Brut é o grupo que os nostálgicos pelo punk não convencional, fãs do pop inglês abrasivo, ou simplesmente qualquer um que goste de músicas que retratem a vida real estavam à espera. Musicalmente, a marca de rock do Art Brut contém ecos dos Stranglers (banda que Eddie em adolescente ouvia muito), dos inovadores XTC (na fase deles This Is Pop?) e dos ritmos agressivos de The Fall junto a vozes que são mais gritadas que cantadas. Song 2, dos Blur, também vêm à memória (inclusive Graham Coxon é fã da banda).

Eddie Argos e seus colegas fizeram a coisa certa quando formaram uma banda: Art Brut praticamente resume tudo o que já amamos no passado e que ainda amamos no rock inglês. **A.F.**



QUARTETO 1111
QUARTETO 1111
1970-2006 . COLUMBIA . LP & CD

☆☆☆☆

Aqui está uma reedição que vale realmente a pena! Dezanove anos após a sua edição original. Aquando foi vítima de contestação, e mesmo desvalorizado mesmo pela crítica mais relacionada com o género. Cheios de ideias novas, muito com base no que se ia fazendo de novo no estrangeiro. Era o melhor que tínhamos cá. Mas num tempo e espaço inválidos para o reconhecimento de qualidade.



ELECTRIC FRANKENSTEIN
BURN BRIGHT, BURN FAST!
2005 . TKO RECORDS . CD

☆☆☆☆

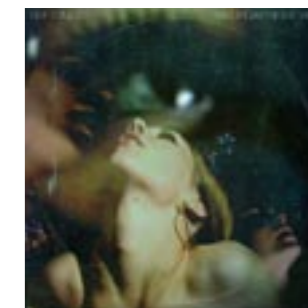
É tempo agora de poder voltar a ouvir e sentir estas velhas composições. Composto Miguel Artur da Silveira, José Cid, António Moniz Pereira e Jorge Moniz Pereira. O grupo teve bastantes problemas com a Censura, por causa de canções que tinham uma forte carga política e contestária. Em 1970 é assim publicado o primeiro LP, simplesmente intitulado "Quarteto 1111". Este álbum foi mandado retirar do mercado, pela Comissão de Censura, devido a temas como "Lenda de Nambuanguo" e "Pigmentação". Ainda em 1970, Tozé Brito, proveniente dos Pop Five Music Incorporateds, entra para o lugar de Mário Rui Terra. Logo de seguida, o grupo começa também a cantar em inglês. **J.R.**



V/A
JESUS CHRIST SURFERSTAR
2003 . GENERAL ROCK . CD

☆☆☆☆

Para os fãs de surf music, que sempre tiveram em conta os álbuns de Beach Boys, como modelo, assim como uma quantidade enorme de outras bandas de rapazinhos surfistas. Deparei-me com este álbum aquando uma procura profunda por onde já tinha perdido a original orientação... e é fantástico. Este Jesus Christ Superstar reúne dezasseis canções integrantes do musical Jesus Christ Superstar, convertidas em versões surf, por dezasseis fantásticas bandas, tais como: Daikaiju, Surfones ou Johnny Vortex. Um bom trabalho, que originou um disco bem conseguido. **R.T.**



DEFTONES
SATURDAY NIGHT WRIST
2006 . MAVERICK, WARNER BROS . CD

☆☆

Os Deftones são uma das bandas, ou mesmo a única banda, que contribuiu para a dignificação do nu metal. A clara diferenciação das criações de Chino Moreno e companhia surge naturalmente perante as de outros colectivos menores e com um pendor criativo claramente medíocre e repetitivo. "Saturday Night Wrist" é o quinto longa duração do grupo norte-americano, volta a descobrir novos locais rock por onde passam também as vozes de Serj Tankian dos System of a Down e de Annie Hardy dos Giant Drag. **C.T.**

EM REVISÃO

O nome Electric Frankenstein já é bastante familiar entre os fãs portugueses de punk rock'n'roll e com este novo álbum duplo acabado de sair, o colectivo usualmente abreviado de EF volta às lides do punk rock internacional com dois discos absolutamente electrocutantes, prontos a explodirem nas vossas mãos.

Um álbum por ano é bom, mantêm os muitos fãs contentes. Existe uma grande demanda da música deles. Originalmente este projecto foi pensado para ser editado apenas pela TKO Records, em Inglaterra, mas como nos Estados Unidos não tinha grande distribuição e o último disco de originais já tinha saído na primavera de 2004. A primeira parte inclui cinco temas novos que gravaram no final de 2005 ao qual juntam alguns temas raros que foram retirados de singles e compilações editados entre 1999 e 2004, dando mais destaque aos singles editados na Europa. Para além disso ainda incluímos uma versão dos

Dead Boys e vídeos de dois temas novíssimos. A segunda parte tem temas novos como o outro disco, assim como versões que foram substituídas por temas dos Clash, Girlschool, Red Noise e Motörhead, e que até agora só estavam disponíveis em singles editados nos Estados Unidos. Este disco não tem vídeos mas existe uma versão em vinil para os mais fanáticos. Estas versões mostram um pouco da música de que os influencia. Os novos temas são mais um passo dado na direcção que querem para o próximo disco, ou seja, tornar a música mais intensa, poderosa e melódica. Têm como objectivo manter o rock'n'roll vivo e fazer com que volte a ser popular entre os jovens. Até as maiores revistas da indústria, como a Billboard, já mencionaram que os miúdos americanos estão a voltar a comprar discos de rock'n'roll e as bandas que eles compram mais são os Electric Frankenstein, The Donnas e Hellcopters. **M.B.**



DESTAQUE DO MÊS

Passados já trinta e muito anos depois do aparecimento destes rapazes, e dos seus hits. E após isso a separação destes. O que com a morte do irmão, guitarrista e compositor torna mais difícil uma futura reunião dos **Creedence Clearwater Revival**. Mas ei-los reunidos, decidiram finalmente reunir-se, após vinte anos de separação, e fazer uma tour pela Europa, podemos contar com eles, em Lisboa e Porto, nos dias 1 e 3 deste mês.

01 JANEIRO

Creedence Clearwater Revival, Coliseu (Porto), 22h00, entre €22,00 e €65,00.
Moonspell, com **Jaques Dutronc** e **Sinfonietta de Lisboa**, Coliseu do Recreios (Lisboa), 21h30, entre €22,00 e €50,00.

02 JANEIRO

Moonspell, com **Jaques Dutronc** e **Sinfonietta de Lisboa**, Coliseu (Porto), 21h30, entre €18,00 e €40,00.
Número, com **Cool Hipnoise**, **Rui Pregal da Cunha**, São Jorge (Lisboa), 22h00.

06 JANEIRO

Creedence Clearwater Revival, Coliseu dos Recreios (Lisboa), 22h00, entre €22,00 e €75,00.
Cosmopolis, com **Wraygunn**, **Fancy**, **Ann Pierie**, **Santiago Alquimista** (Lisboa), 22h30, €10,00.
Ivan Smagghe, **Pedra do Couto** (Santo Tirso).
Número, com **Nova Huta**, **Neoangin aka Jim Avignon**, **Hipnótica**, São Jorge (Lisboa), 22h00.
Rui Veloso, Coliseu (Porto), 22h00, €17,50 e €50,00.

09 JANEIRO

Carlos do Carmo, com **Sinfonietta de Lisboa**, Coliseu dos Recreios (Lisboa), 22h00, €20,00 e €25,00.
Moonspell, com **Jaques Dutronc** e **Sinfonietta de Lisboa**, Coliseu (Porto) ver dia 2.
Creedence Clearwater Revival, Coliseu dos Recreios (Lisboa), 22h00, entre €22,00 e €75,00.
Cosmopolis, com **Wraygunn**, **Fancy**, **Ann Pierie**, **Santiago Alquimista** (Lisboa),

22h30, entre €10,00 e €25,00.

Tool, **Mastodon**, Pavilhão Atlântico (Lisboa), 20h30, €25,00 e €35,00.

10 JANEIRO

Natacha Atlas, Casa da Música (Porto), 22h00, €15,00.
Lura, Teatro Tivoli (Lisboa), 21h30, entre €15,00 e €30,00.

11 JANEIRO

Marc Ribot, Casa da Música (Porto), 22h00, €10,00.
Número, com **Bernardo Devlin**, **Andrew Poppy**, **Artificial Eyes**, **Hipnótica**, São Jorge (Lisboa), 22h00.
Rui Veloso, Pavilhão Atlântico (Lisboa), 22h00, €17,50 e €50,00.
The Gift, Centro Cultural Olga Cadaval (Sintra), 22h00, €15,00 e €20,00.

13 JANEIRO

Kool & The Gang, **Chic**, Pavilhão Atlântico (Lisboa), 21h30, €25,00.
Fish, Pavilhão Atlântico (Lisboa), 22h00, €17,50 e €50,00.
Número, com **Akufen**, **Kim Cascone**, **Addictive TV**, **Vitor Gama**, São Jorge (Lisboa), 22h00.
Cenas Loucas, Pav. Atlântico (Lisboa), 22h00, €13,50 e €40,00.
Keith Jarret, **Gary Peacock**, **Jack DeJohnette**, CCB (Lisboa), 20h00, €30,00 e €125,00.
Número, com **Ballet Mecânico**, **BodyData**, **Space**, **ascone**, **Addictive TV**, **Vitor Gama**, São Jorge (Lisboa), 22h00.

16 JANEIRO

Herbie Hancock Quartet, Coliseu dos Recreios (Lisboa), 21h30, €20,00 e €50,00.

Cradle of Filth, **Hard Club** (Gaia), 21h00, €20,00.

Lloyde Cole, Aula Magna (Lisboa), 21h30, entre €17,00 e €22,50.

17 JANEIRO

Violent Femme, Praça da Batalha (Porto), 21h30, entre €20,00 e €25,00.

21 JANEIRO

David Fonseca, Aula Magna (Lisboa), 21h30, entre €20,00 e €25,00.
Violent Femme, Coliseu dos Recreios (Lisboa), 21h30, entre €20,00 e €25,00.

22 JANEIRO

David Fonseca, Teatro Viriato (Viseu), 21h30, entre €10,00 e €20,00.
Wordsong, Clinic (Alcobaça).
Pato Fu, **Hard Club** (Gaia), 22h00, €10,00.
The Gift, Europarque (Santa Maria da Feira), 21h30, €15,00.

25 JANEIRO

Rodrigo Leão, com **Ludovico Einaudi**, Teatro São Luiz (Lisboa), 21h00, entre €20,00 e €30,00.

26 JANEIRO

Lisa Germano, Teatro Circo (Braga), 23h59, entre €5,00.

27 JANEIRO

Sérgio Godinho, Centro Cultural Olga Cadaval (Sintra), 22h00, €25,00.
Who Made Who, Clube Mercado (Lisboa), 00h00.

29 JANEIRO

Aldina Duarte, Culturgest (Lisboa), 21h30, €18,00.

pub

SUPERFICIALIDADES MUSICAIS, EXISTEM?

TEXTO DE **MIGUEL ESTEVES CARDOSO**

ILUSTRAÇÃO DE AGOSTINHO PEREIRA

Do que se escreve quando se escreve sobre Música? Atendendo ao carácter genérico e subjectivo da mesma.....parece ser possível escrever qualquer coisa. Já considerei ter visto várias superficialidades escritas sobre o tema.... Mas será legítimo assumir isto desta forma? O que são superficialidades escritas sobre música? Existirão na realidade? E se sim... o que é uma “superficialidade musical”? Deverá ou poderá ser criticável?

Em terreno tão instável: perguntas e mais perguntas.... Dá para pensar: deverei continuar a escrever sobre este assunto? Decido arriscar.....Procuro ajuda no dicionário virtual, sobre o que podemos considerar como uma superficialidade. Entendo-a como uma análise pouco aprofundada sobre um determinado tema. Uma opinião fácil, ligeira. O dicionário também. O primeiro passo levou-me para um local seguro e permite-me voltar às questões iniciais.

Efectivamente, parecem existir opiniões superficiais relativamente à música, aos músicos, às bandas, aos concertos. Existem “superficialidades musicais”!!! Mas com ressalvas! E a principal, o facto de estarmos perante um assunto que enferma em si uma boa dose de subjectividade (sendo certa que esta está presente em quase todos os aspectos, embora nuns mais que em outros). “Altura de parar”, penso! Todo o terreno aqui é movediço. A este ponto, deparo-me com dois caminhos: o das opiniões baseadas em aspectos técnicos, pelos seus conhecedores; e as questões baseadas na emoção, na associação de determinadas músicas a determinados momentos/sentimentos da nossa vida.

Se alguém, usando de “pseudo-argumentos” técnicos, à partida, pouco subjectivos (assim se deseja), emite opinião mal fundamentada, penso que não só poderá, como deverá, ser contestado. Já opiniões sobre música que derivem da emoção que a própria música causa, essas, poderão, mas não deverão, ser criticáveis. Se alguém, baseado na emoção, escreve que gosta de determinada música, ou determinado grupo, porque sim! não penso que tal atitude seja, em si, criticável. Afinal de contas, não se consegue, sobretudo, justificar exaustivamente porque é que se gosta de algumas coisas em detrimento de outras. É certo que para quem lê seria talvez mais proveitoso que existisse uma maior pormenorização.

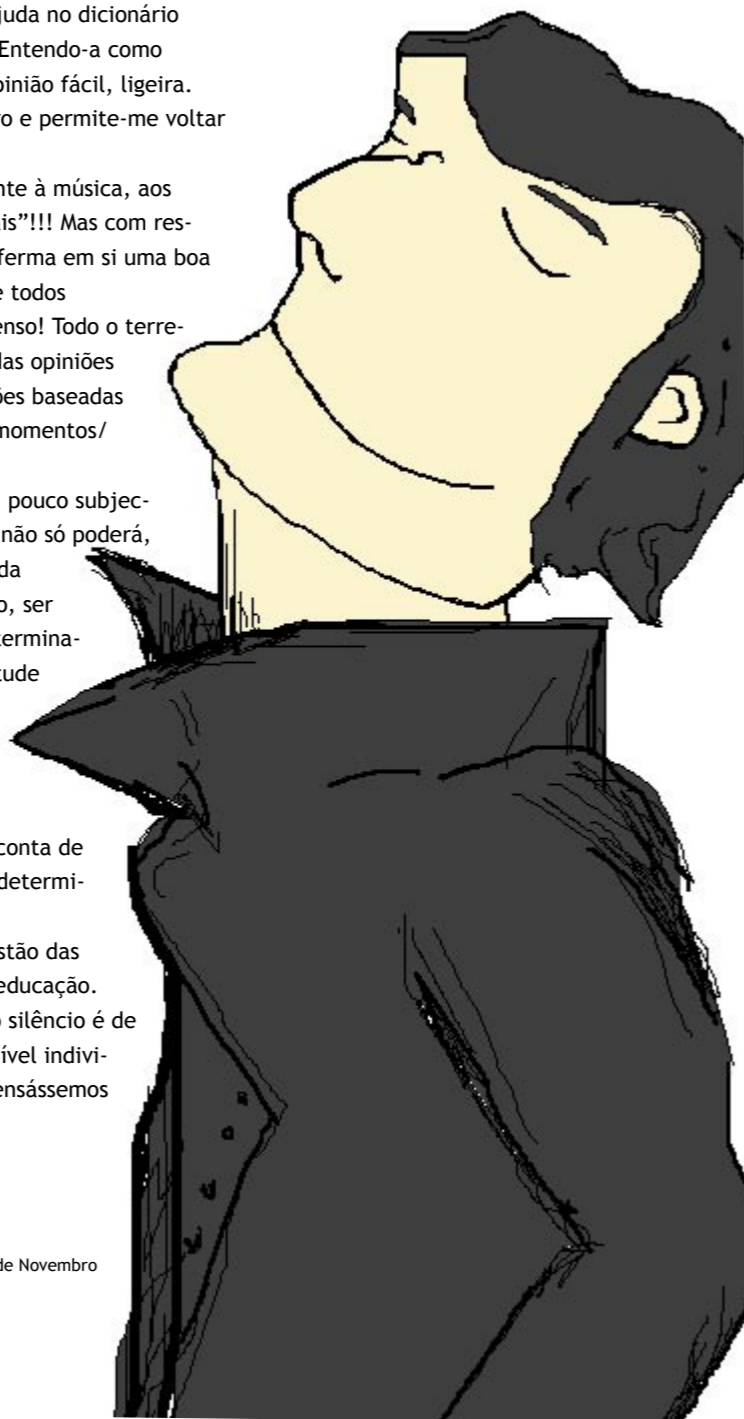
No meio de opiniões mais aprofundadas, acontece por vezes darmos conta de um novo ponto de vista, sobre o qual nunca tínhamos abordado uma determinada questão, uma determinada música.

No fim de caminho, encontro ainda espaço para defrontar a questão das opiniões insultuosas, agressivas, imbuídas da mais profunda falta de educação. Sobre essas, deixo apenas aqui o provérbio: “A palavra é de prata e o silêncio é de ouro”, sendo certo que o grau de utilização do mesmo, é variável a nível individual. Bem vistas as coisas, se antes de comentarmos algum artigo, pensássemos a fundo nestas questões, tenho para mim, que todos ganharíamos.

Releio o meu texto: teria o meu silêncio sido de ouro?...

P.s. Texto escrito ao som de The Gathering - Souvenirs.

in, Blitz, 22 de Novembro



pub